

OS GRIOTS DA CONTEMPORANEIDADE: A PASSAGEM DOS CONHECIMENTOS E AS DISTÂNCIAS ESPACIAIS¹

Jaqueline Vilas Boas TALGA
Universidade Federal de Uberlândia
E-mail: jtalga@yahoo.com.br

Resumo: Os segredos dos candomblés. O conhecimento do sagrado. A camarinha. A passagem do saber. O saber fazer. Velhos tempos idos do Candomblé fora da lei na Bahia. As perseguições policiais, os sofrimentos e as dificuldades de outrora. Os cultos proibidos no fundo do quintal. Os cultos negros – hoje brancos, negros e amarelos. Uma religião étnica, de “pretos”. As estórias, contadas e recontadas por gerações. Os saberes que morriam junto com cada ancião que não mais eram matéria, só espírito. As grandes fachadas dos centros dos Candomblés. Os ebós disponíveis on-line. Os fundamentos, as estórias, os segredos desvelados em livros, revistas, vídeos, documentários. A internet e o sem fim de materiais acerca dos mistérios da religiosidade. As campanhas abertas pela não criminalização dos adeptos dos Candomblés. As caminhadas proclamando a liberdade religiosa. Os embates públicos com aqueles que alegam maus tratos animais. A publicização da fé. Os orixás cada vez mais presentes nas músicas, da Iansã de Maria Bethânia ao Ogum de Criolo.

Palavras-chaves: oralidade; escrita; modernidade; Candomblé.

[...] Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima.
Amadou Hampâté BÂ

Quem um dia foi marinheiro audaz/Relembra histórias/Que feito ondas não voltam
mais/Velhos marinheiros do mar da Bahia/O mundo é o mar/Maré de
lembranças/Lembranças de tantas voltas que o mundo dá.

Memórias do Mar - Maria Bethânia
Composição de Vevé Calazans e Jorge Portugal

Os segredos dos Candomblés². O conhecimento do sagrado. A camarinha³. A passagem do saber. O saber fazer. Velhos tempos idos do Candomblé fora da lei na Bahia. As perseguições policiais, os sofrimentos e as dificuldades de outrora. Os cultos proibidos no fundo do quintal. Os cultos negros – hoje brancos, negros e amarelos. Uma religião étnica, de “pretos”. As estórias, contadas e recontadas por gerações. Os saberes que morriam junto com cada ancião que não eram mais matéria, só espírito. As grandes fachadas dos centros dos

¹Compartilhamos neste artigo com os resultados parciais obtidos na pesquisa de dissertação de mestrado em andamento pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia. Com auxílio de fomento a pesquisa da Capes.

²De maneira geral podemos compreender os Candomblés enquanto uma religiosidade de matriz africana de culto aos ancestrais. Falamos Candomblés no plural pela diversidade das nações existentes, sendo as mais conhecidas a Angola, o Ketu e o Jeje.

³Uma espécie de quarto no qual o adepto se encontra recolhido da sociedade durante os rituais iniciáticos.

Candomblés. Os ebós⁴ disponíveis on-line. Os fundamentos, as estórias, os segredos desvelados em livros, revistas, vídeos, documentários. A internet e o sem fim de materiais acerca dos mistérios da religiosidade. As campanhas abertas pela não criminalização dos adeptos dos Candomblés. As caminhadas proclamando a liberdade religiosa. Os embates públicos com aqueles que alegam maus tratos animais. A publicização da fé. Os orixás cada vez mais presentes nas músicas, da Iansã de Bethânia ao Ogum de Criolo⁵.

Antes de quaisquer observações é preciso retomar alguns elementos originalmente africanos constitutivos da história da formação da sociedade brasileira. Nesse sentido é necessário ter em mente, que as religiosidades de matriz africana possuem como fundamento a oralidade, todas as tradições se mantêm vivas pela força da palavra⁶. Sendo que toda essa oralidade, repassada até a atualidade em todas as casas de Candomblé, possui uma raiz ancestral⁷ comum, o continente africano.

Para compreender essa oralidade presente nas religiões de matriz africana no Brasil se faz necessário retomarmos a origem desse uso. Entre os estudos sobre essa temática, temos a análise dos valores civilizatórios das sociedades negro africanas do pesquisador Fabio Leite, observando a estruturação e a dinâmica social em três sociedades, os Ioruba, do Benim e da Nigéria, os Agni-Akan e os Senufo da Costa do Marfim, afirma que:

[...] a não utilização da escrita por parte das sociedades da África negra, que não adotaram esse aparato para fins de apreensão e transmissão dos conhecimentos e dos dispositivos civilizatórios que constituíram para essa finalidade. Trata-se de apreciar tão somente a questão da palavra, conceito para o qual se pretende atribuir significado abrangente [...] não se confunde ausência de escrita com analfabetismo. O conceito de analfabetismo é estrangeiro as sociedades da África profunda onde o conhecimento é elemento estruturador da realidade, construído a partir de valores próprios: na verdade, nessas sociedades a escrita é considerado fator externo a pessoa e por essa razão impacta negativamente os processos de comunicação. Para as práticas sociais que se desenrolam nesse universo, elas se utilizam da palavra, considerada elemento vital da personalidade (LEITE, 1992, p. 35 e 36).

Mesmo na atualidade o dado oral é muito utilizado em conjunto com a escrita nessas sociedades observados por Fabio Leite, mas a oralidade sempre esteve à frente, pois, para os africanos a escrita não é conhecimento, não significa inteligência, sendo, portanto, um registro dotado de tecnologia, o instrumento utilizado para sintetizar o conhecimento. A escrita não é o conhecimento em si, sendo assim também, excludente, ao passo que pode tanto incluir como excluir, ao contrário da palavra. Ainda hoje, em grande parte das sociedades africanas, mesmo que restritas as comunidades tradicionais no interior dos países, encontramos os *griots*, os guardiões da memória de cada comunidade. Isso não significa que a escrita não permeie estas

⁴Ebós: de maneira geral é o nome dado aos trabalhos de limpeza realizados para os adeptos e clientes. Neles são utilizados vários matérias, dependendo do motivo, tais como velas, canjica, rosas, ervas entre outros.

⁵Tanto Maria Bethânia, cantora da música popular brasileira, a partir da década de setenta quanto o rapper Criolo, na atualidade, compõem e cantam músicas valorizando a religiosidade de matriz africana seja ela nos Candomblés da Bahia ou nas favelas de São Paulo.

⁶Segundo Fabio Leite (1992), a palavra possui força, ela machuca, ofende, pode até matar, mas também acaricia, da segurança e pode curar males.

⁷Segundo Fábio Leite (2008), ancestral não é visto como antigo, mais velho, que antecede, que veio antes de nós, mas é exatamente o pré-existente, aquilo que já existia e não foi criado, é incriado. Está ligado aos orixás, que são entidades mitológicas ligadas a elementos da natureza.

comunidades, uma vez que, conforme aponta Fábio Leite, a despeito da preponderância de uma tradição oral em detrimento da escrita, a mesma faz parte da realidade destas sociedades.

Através da oralidade, todos os mitos e os valores civilizatórios estavam presentes e vivos nas mentes e corações dos quase quatro milhões de homens e mulheres, que foram violentamente arrancados das várias etnias existentes no território africano e trazidos nos fundos dos porões dos navios negreiros para o Brasil. Estes negros foram reagrupados no Brasil de acordo com as necessidades dos então senhores de escravo e carregavam consigo um sem fim de valores que foram sendo retransmitidos e reelaborados com o correr do tempo.

O caminho percorrido a fim de que a escrita tornasse de fato um instrumento de registro, transmissão dos segredos e conhecimentos acumulados no cotidiano vivenciado, sendo (re)contado pelos mais velhos foram tortuosos. Os fundamentos e questões que outrora eram (re)transmitidos pelas memórias orais de um velho de santo aos jovens iniciados - quando estas não eram enterradas com seus guardiões - são hoje de livre acesso a qualquer pessoa, seja ela adepta ou não ao culto de matriz africana. Mesmo que as informações estejam incompletas, distorcidas e passíveis de questionamentos, esta sempre foi uma das formas de apreender os segredos encontrados por muitos adeptos.

A modernidade atingiu também as religiões. Não seria diferente com os Candomblés. Vagner Gonçalves, em seu artigo *As esquinas sagradas* (SILVA, 2000), cita a fala de uma mãe de santo branca de origem portuguesa, com curso superior, falando três idiomas e terreiro na cidade de São Paulo, ressaltando e valorando a utilização de livros sobre a religiosidade, salientando que prefere ler as publicações de Roger Bastide e Pierre Verger no original em francês, além de indicar os mesmos para seus filhos, uma vez que aprendeu muito com os livros.

Esse fenômeno não é algo recente, mas passa a perpetuar com maior vigor a partir da década de sessenta do século passado com a expansão dos Candomblés para outras partes do país. Temos nos estudos de Vagner Gonçalves Silva a identificação da expansão dessa religiosidade em São Paulo na década de sessenta, dada a intensa migração nordestina desse período (SILVA, 1995, p.77). Sendo que, a partir desse momento os Candomblés necessitam intensificar e adequar outras formas de repassar os segredos, mesmo que essas outras formas ainda permaneçam ocultas/subentendidas em muitos dos discursos sobre essa questão. O discurso que prevalece coloca a oralidade e a transmissão do conhecimento passada através do cotidiano, das vivências, do ser filho para posteriormente ser pai. Porém, para além desse discurso, encontramos na prática o abarcamento de outras formas que não só o uso da palavra, da oralidade, a fim de se obter os segredos da religiosidade.

Os estudos polêmicos de Castillo, ao realizar sua etnografia, constatam que os dados escritos foram e são, um importante elemento para a formação e manutenção do Candomblé. Em uma passagem de seu livro *Entre a Oralidade e a Escrita*, analisando a Revolta dos Malês em 1835, ela escreve:

Após o levante, as autoridades encontraram numerosos papéis e pequenos livros em árabe nas casas das lideranças e nos corpos dos que morreram. A elite baiana acostumada a pensar nos africanos como analfabetos e da escrita como domínio exclusivo da cultura européia, entrou em pânico, convencida de que tais escritos eram um meio de comunicação subversiva. No período após o levante a polícia invadia as casa dos africanos [...] a descoberta de qualquer papel escrito em árabe resultava em prisão... Muitos africanos assim identificados foram julgados, apesar de a tradução feita por um escravo haussá, durante a investigação indicar que o conteúdo desses textos era apenas religioso. (CASTILLO, 2010, p.62)

Nesse fato e em outros acontecimentos registrados pela antropóloga, percebemos o

quanto a escrita também é um elemento importante para a manutenção do Candomblé. Em outro momento do livro, ela irá fazer uma discussão sobre “o machado duplo da escrita: a preservação da tradição e a rebelião contra ela”. Sobre esse assunto a autora durante exposição na Universidade Federal do Paraná, na IX Reunião de Antropologia do Mercosul, em julho de 2011, constata que o livro “Caminhos de Odu” do pai de santo Agenor Miranda Rocha e organização de Reginaldo Prandi publicado em 1998, em se tratando de um manuscrito que desde a década de 1920 circulava em segredo no terreiros da Bahia, gerou muita polêmica.

O acesso aos escritos e as imagens ligadas aos Candomblés têm a capacidade de deturpar ou manter o mesmo olhar etnocêntrico de mundo, dependendo de quem manipula o registro. Encontramos nesse contexto muitos zeladores que lançam mão de publicações, edição de vídeos, músicas, de fundamentos e segredos para se auto promoverem e serem reconhecidos. Esse reconhecimento não se dá de fora para dentro, mas de dentro para fora, ou seja; não é a comunidade religiosa que o reconhece como zelador, e sim a liderança religiosa que se promove com este intuito, com vistas a ser reconhecida tanto pelo grupo religioso que compõe quanto por outros campos da sociedade.

Por outro lado fontes não orais se encontram presentes nos terreiros servindo inclusive como referência de práticas ritualísticas, esse fato é presente tanto nos candomblés observados nesse estudo, como nos estudos de Vagner Gonçalves Silva nos Candomblés de São Paulo no qual ele relata:

Livros de autores como Roger Bastide (O Candomblé da Bahia), Pierre Verger (Os Orixás), Juana Elbein dos Santos (Os Nãgô e a Morte), entre outros, passam, assim, a ser cada vez mais procurados e lidos pelos religiosos que os tomam freqüentemente como modelos de culto, justificando aspectos cotidianos do rito que praticam. (SILVA, 2005, p.250)

Diante destes fatos, percebemos que a oralidade não é o único veículo de transmissão do conhecimento existente nos terreiros. Devemos assim nos perguntar, por que a oralidade é tão defendida como única forma existente de transmitir esse saber religioso até a atualidade por muitas lideranças religiosas. A questão que se coloca nesse debate, segundo Castillo, está no nível do segredo, compreendendo que o segredo se refere à existência de limites ao acesso do *saber* religioso, dentro de uma dimensão hierárquica de poder, de uma concorrência interna para o acesso a esse *saber* e o contexto social externo, repleto de estigmas e perseguições de vários setores da sociedade, dentre eles a repressão policial, ou como diria Gramsci, o aparelho repressor do Estado (GRAMSCI, 1968).

OS GRIOTS DA CONTEMPORANEIDADE

Podemos comparar os pais e mães de santo, com os *griots* africanos. Há reservas, contudo nesta comparação, uma vez que em África, o processo de formação de cada novo guardião, de cada *griot*, é acompanhado por outros guardiões. Processo este no qual erros não são admitidos, uma vez que o papel deste guardião é (re)contar de modo fiel as memórias, cheiros, lugares, valores, enfim, o todo que tece a história de um saber coletivo ancestral. Nos Candomblés, não há quem controle a transmissão destes saberes, com vistas a assegurar a sua fidedignidade. É fato que, busca-se sempre uma aproximação verdadeira com as essências ancestrais, o que não impede, contudo, que novas interpretações sejam geradas.

Observando e coletando dados nas entrevistas percebemos como são apreendidos os segredos pelos zeladores de Uberlândia e como esse segredo é discursivamente posto e repassado aos seus filhos de santo.

Na superfície encontramos nos discursos desses pais de santo a oralidade e a prática cotidiana enquanto veículos de apreensão e transmissão da religiosidade. Porém esse padrão seria um tanto problemático quando tomamos as distâncias espaciais existentes entre os terreiros, visto os dispêndios econômicos e temporais para efetivar tais ações.

Percebemos os esforços de Babalorixás⁸ de Uberlândia, Minas Gerais para *serem* filhos, trazendo seus Babas e Iás em suas casas a cada obrigação dada por eles, e/ou durante as obrigações dos seus filhos. Em estarem presentes nas festividades dos orixás de seus zeladores/zeladoras. Contato pessoal que permite vivências e a oralidade tão defendida. Mas isso possui elevados custos financeiros, uma vez que os filhos arcam com aos custos gerados pelos deslocamentos próprios e os de seus pais e mães de santos para as festividades citadas. Vale ressaltar que no mais das vezes, estes zeladores vem acompanhados de um ogã, uma equede⁹ e outros adeptos para realizarem os rituais necessários. Isso porque, por exemplo, alguém que tem um ano de obrigação não pode cuidar de alguém que tem três anos, ou seja, segundo seus adeptos “ninguém pode dar aquilo que não teve”.

Para além das despesas econômicas existem outras implicações, pois, mesmo que esses religiosos se dedicassem exclusivamente ao sacerdócio, não destinando tempo a seus familiares consanguíneos, à vida social, suas ausências não poderiam ser demasiadamente longas uma vez várias obrigações o aguardam em sua própria casa, seus filhos demandam cuidados, bem como os clientes nos jogos de búzios, além das funções no que diz respeito ao andamento do terreiro como um todo.

Em todos os terreiros observados em nossa pesquisa¹⁰ encontramos em algum momento outras formas não orais de apreender e sistematizar o saber. Na casa matriz, na cidade de Salvador, Bahia, por exemplo, vivenciamos nas atividades de véspera da maior celebração da casa, a festa de Oxumarê, uma seqüência de ensaios das cantigas, estas escritas em papel para que todos cantassem corretamente e a cronometragem do tempo de cada uma para se ter uma melhor organização diante do tempo previsto de duração da festa.

Na casa de uma filha de santo na cidade de São Paulo, ligada diretamente a casa matriz, a zeladora em entrevista disse saber pouco escrever, aprendendo a “rabiscar o nome”, após realizar a entrevista, orientou que lesse Roger Bastide e Pierre Verger para saber mais sobre o culto.

Apesar de dedicarmos o próximo item à discussão das influências acerca do tempo e as diferentes apreensões que tanto o homem em África quanto o homem do mundo ocidental moderno tem hoje, cabe aqui uma rápida ressalva acerca do impacto que, a noção, a apropriação temporal que possuímos hoje tem sobre a vida (ao pensarmos em uma perspectiva ampliada) e de modo específico nos rituais que tecem o *saber* e o *sagrado*. Se antes no cotidiano do terreiro, o tempo se dava conforme descrito abaixo:

No candomblé, o tempo parece que não passa, o ritmo das coisas é outro, ninguém tem pressa para nada. Nem é preciso usar relógio, porque tudo acontece na hora em que tem que acontecer – disse-me certa vez uma filha-de-santo, que procurava explicar as dificuldades que muitos novos adeptos no candomblé encontravam assim que chegavam a nova religião (PRANDI, 2005, p.19).

⁸Babalorixá (Baba): pai de santo, dos zeladores. O feminino é Ialorixá (Iá).

⁹Equede: mulher iniciada para cuidar dos orixás, vesti-los e cuidar deles.

¹⁰Esse artigo é o resultado parcial da pesquisa de mestrado em andamento.

o que vivenciamos na casa de um Babalorixá (filho direto da casa matriz na cidade de Salvador), no fim de 2011, na grande São Paulo, nos causou simultaneamente outras impressões. Em meio às várias demandas já existentes e aquelas que surgiam, uma tarefa prendeu nosso olhar pela assimilação das tecnologias contemporâneas a fim de otimizar o tempo frente o distanciamento espacial, a saber, a organização da lista dos materiais necessários para o ritual da obrigação dos cinco anos de seus filhos de santo e também pais que seria realizada em fevereiro de 2012 em Uberlândia, por meio da consulta aos búzios. Apesar da consulta se dar no estado paulista, seus sujeitos estavam em Minas e a lista seria enviada por email, a fim de que distâncias fossem diminuídas e certas práticas resignificadas. Prandi aponta a existência dessa outra dimensão temporal:

[...] nessa escala ocidental do tempo, os acontecimentos são enfileirados uns após outros, em sequências que permitem organizá-los como anteriores e posteriores, uns como causa e outros como consequência, construindo-se uma cadeia de correlações e causalidades que conhecemos como história.
(PRANDI, 2005, p. 30-31).

Frente aos entraves acima expostos no que se refere a um contato mais profundo entre os pais e mães de santo e seus filhos e filhas, com vistas a uma transmissão presencial do conhecimento feita à cada fiel de acordo com os limites estabelecidos pela hierarquia própria da religiosidade, em um outro momento dos diálogos com Babá com casa na grande São Paulo, o mesmo fez questão de salientar a dedicação de seu filho de Uberlândia ao Candomblé que a fim de conhecer, apreender e enquanto *pai* repassar aos seus filhos os cantos para os orixás ele havia gravado em CD as cantigas, apropriando-se dos recursos modernos de disseminação dos conhecimentos, incluindo-se nesse bojo os segredos do Candomblé, encontrando assim soluções para as dificuldades postas.

Pudemos assim compreender, apoiados nos estudos de Castillo e nas observações de campo, que sempre houve outras maneiras para além da oralidade a fim de transmitir, apreender e sistematizar os conhecimentos acerca do culto ancestral. Frente à expansão das linhagens dos Candomblés e do crescimento do número de fiéis iniciados em cada uma destas casas, o uso destas outras maneiras se propagam tornando-se cada dia mais recorrentes.

REFERÊNCIAS:

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel**, o menino fula. São Paulo: Palas Athena/Casa das Áfricas, 2003.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: Contribuição para uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Pioneira, 1989.

CASTILLO, Lisa Earl. **Entre a oralidade e a escrita**: a etnografia nos candomblés da Bahia. Salvador: EDUFBA, 2010.

GRAMSCI, Antônio. **Maquiavel a política e o estado moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

LEITE, Fábio. A questão da palavra em sociedades negro-africanas. In: **Democracia e diversidade humana**: Desafio contemporâneo. SECNEB, Salvador, Bahia, 1992.

LEITE, Fábio. **A questão ancestral**. São Paulo: Casa das Áfricas, 2008.

PRANDI, Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo**: a velha magia na metrópole nova. São Paulo: HUCITEC / EdUSP, 1991.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos guardados**: orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SILVA, Vagner Gonçalves da. As esquinas sagradas. O candomblé e o uso religioso da cidade. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor e TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). **Na metrópole**: textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EdUSP, 2000.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás na metrópole**. Petrópolis: Vozes, 1995.

VERGER. Pierre. **Dieux d’Afrique**. Culte des Orishas et Vodouns à l’ancienne Côte des Esclaves en Afrique et à Bahia, la Baie de Tous les Saints au Brésil. 1954.

Disponível em: <<http://www.eutenhofe.org.br>>. Acesso em 28 jun. 2012.

“**Memórias do Mar**”, de Maria Bethania, gravação de Maria Bethânia, com composição de Vevé Calazans e Jorge Portugal, disco **Mar de Sophia**, Biscoito Fino, 2006.